

# METAFÍSICA

## LIVRO I

980a22 **1.** Todos os seres humanos naturalmente desejam o conhecimento. Isso é indicado pelo apreço que experimentamos pelos sentidos, pois independentemente do uso destes, nós os estimamos por si mesmos, e mais do que todos os outros, o sentido da visão. Não somente objetivando a ação, mas mesmo quando não se visa nenhuma ação, preferimos a visão – no geral – a todos os demais sentidos, isto porque, de todos os sentidos, é a visão o que melhor contribui para o nosso conhecimento das coisas e o que revela uma multiplicidade de distinções.

980a25  
980b22 Ora, os animais nascem naturalmente dotados do poder da sensação, e a partir desta alguns desenvolvem a faculdade da memória, enquanto outros não. Conseqüentemente, os primeiros são mais inteligentes e mais capazes de aprender do que os incapazes de lembrar. Os animais incapazes de ouvir sons (como a abelha, e qualquer outro tipo semelhante de criatura) são inteligentes, mas incapazes de aprender; apenas são capazes de aprender os que possuem este sentido somado à faculdade da memória.

980b25  
981a1 Assim, os outros animais [além do ser humano] vivem com base em impressões e lembranças, contando apenas com uma modesta parcela de experiência; a raça humana, entretanto, vive também com base na arte e no raciocínio. É a partir da memória que os seres humanos adquirem experiência, porque as numerosas lembranças de uma mesma coisa acabam por produzir o efeito de uma única experiência. A experiência pare-

ce muito similar à ciência e à arte, mas na realidade é através da experiência que os seres humanos obtêm ciência e arte, pois  
 5 como diz acertadamente Pólo,<sup>1</sup> “a experiência produz arte, mas a inexperiência, acaso”.<sup>2</sup> A arte é produzida quando a partir de muitas noções da experiência forma-se um só juízo universal relativamente a objetos semelhantes. Dispor de um juízo de que quando Cálías padecia esta ou aquela doença, isto ou aquilo lhe fazia bem, e semelhantemente com Sócrates e vários outros indivíduos, é uma questão de experiência; mas julgar que faz  
 10 bem a todas as pessoas de um certo tipo, consideradas como uma classe, que padecem desta ou daquela doença (por exemplo, o fleumático ou bilioso ao padecer uma febre ardente) é uma questão de arte.

Pareceria que, para propósitos práticos, a experiência não é, de modo algum, inferior à arte; de fato, vemos homens da experiência obtendo mais êxito do que aqueles que dispõem de  
 15 teoria sem experiência. A razão disso é ser a experiência conhecimento dos particulares, enquanto a arte o é dos universais, sendo que as ações e os efeitos produzidos dizem respeito, todos, ao particular, posto que não é o ser humano que o médico cura, salvo incidentalmente, mas sim Cálías ou Sócrates, ou  
 20 alguma outra pessoa nomeada semelhantemente, que acontece ser também um ser humano. Assim, se alguém dispõe de teoria sem experiência, e conhece o universal, mas não conhece o particular nele contido, com freqüência falhará em seu tratamento, uma vez que é o particular que tem que ser tratado. Entretanto, consideramos que o conhecimento e a competência  
 25 pertencem antes à arte que à experiência, e supomos que artistas sejam mais sábios do que homens de mera experiência (o que significa que, em todos os casos, a sabedoria depende mais propriamente do conhecimento), e isto porque os primeiros conhecem a causa, ao passo que os segundos não a conhecem, uma vez que os homens de experiência conhecem o fato, mas não o porquê; os artistas, contudo, conhecem o porquê e a  
 30 causa. Pela mesma razão, consideramos que os mestres, em todo ofício, merecem maiores apreços, conhecem mais e são  
 981b1 mais sábios do que os artesãos, porque conhecem as razões das

1. Um dos interlocutores de Sócrates no diálogo *Górgias*, de Platão.

2. *Górgias*, 448 c.

coisas que são feitas; pensamos que os artesãos – como certos objetos inanimados – realizam coisas, mas sem saber o que realizam (como, por exemplo, o fogo queima); somente que enquanto os objetos inanimados executam todas suas ações devido a uma certa qualidade natural, os artesãos executam as  
 5 suas através do hábito. Assim, os mestres dispõem de maior sabedoria, não devido à sua capacidade de fazer coisas, mas porque possuem uma teoria e conhecem as causas.

Geralmente o sinal de conhecimento ou ignorância é a habilidade para ensinar, e por isso sustentamos que a arte – preferivelmente à experiência – é conhecimento científico, visto que os artistas são capazes de ensinar, ao passo que os outros não são.  
 10 Além disso, não encaramos quaisquer dos sentidos como sabedoria. Embora sejam realmente nossas principais fontes de conhecimento, não nos indicam a razão de coisa alguma, como, por exemplo, o porquê o fogo é quente, mas somente que é quente.

É portanto provável que, de início, o criador de qualquer arte que foi além das sensações comuns fosse admirado por outros seres humanos, não meramente porque algumas de suas invenções foram úteis, mas por ser ele uma pessoa sábia e superior. E à medida que mais e mais artes foram descobertas, algumas relacionadas às necessidades e algumas ligadas aos entretenimentos da vida, os criadores das segundas foram sempre considerados mais sábios do que aqueles das primeiras, porque os seus ramos do conhecimento não visavam a utilidade. Conseqüentemente, quando todas as descobertas deste tipo estavam completamente desenvolvidas, as ciências que não se relacionam nem com o prazer nem, ainda, com as necessidades da vida, foram criadas e, primeiramente, naqueles lugares onde os seres humanos dispunham de lazer. Assim, as ciências matemáticas<sup>3</sup> nasceram nas vizinhanças do Egito,<sup>4</sup> porque aí a casta sacerdotal podia desfrutar do lazer.<sup>5</sup>

3. Para Aristóteles, a aritmética, a geometria, a música e a astronomia.

4. Isto é, Naucrátis, colônia comercial helênica no Egito; o autor extrai esta informação de Platão, *Fedro*, 274 c.

5. No antigo Egito, as ciências eram cultivadas e desenvolvidas pelos sacerdotes. Platão, no *Fedro*, 274 c, d, atribui a descoberta da aritmética, da geometria e da astronomia ao deus egípcio Thoth (*Tahuti* em copta).

25 A diferença entre a arte e a ciência e as demais atividades mentais afins foi indicada na *Ética*;<sup>6</sup> a razão da presente discussão deve-se ao fato de supor-se geralmente que aquilo que é chamado de sabedoria<sup>7</sup> diz respeito às causas primeiras e aos

30 princípios, de maneira que, conforme já foi indicado, julga-se o homem da experiência mais sábio do que os meros detentores de qualquer faculdade sensorial, o artista mais do que o homem da experiência, o mestre mais do que o artesão; e as ciências

982a1 especulativas mais ligadas ao saber do que as produtivas.<sup>8</sup> Assim, fica claro que a sabedoria<sup>9</sup> é conhecimento de certos princípios e causas.

2. Uma vez que estamos investigando este tipo de conhecimento, é necessário que consideremos quais são as causas e

5 princípios cujo conhecimento é sabedoria. Talvez seja mais esclarecedor se tomarmos as opiniões sustentadas quanto ao sábio. Consideramos, em primeiro lugar, portanto, que o sábio conhece todas as coisas, na medida do possível, sem ter conhecimento de cada uma delas individualmente; em seguida, que o

10 sábio é aquele capaz de compreender coisas difíceis, as que não se mostram fáceis à compreensão humana (visto que a percepção sensorial, comum a todos, é fácil e nada tem a ver com a sabedoria); e, ademais, que em todo ramo do conhecimento, um indivíduo é mais sábio proporcionalmente à sua maior informação precisa e à sua melhor capacidade de expor as causas. Além disso, entre as ciências, consideramos que a ciência

15 desejável em si mesma e em função do conhecimento está mais

6.. *Ética a Nicômaco*, Livro VI, 1139 b 14 – 1141 b 8. Obra constante em *Clássicos Edipro*.

7. ...σοφίαν... (*sofian*), ou seja, a metafísica. Ver em "Aristóteles: Sua Obra", neste volume, a origem da palavra *metafísica*.

8. Para Aristóteles, as ciências especulativas (θεωρητικαί – *theoretikai*), para ele as mais importantes, são as que carecem e prescindem de uma finalidade que as transcende, tais como a *física*, a *metafísica* (palavra por ele não utilizada e que nesta obra ele chama de *sofia* (sabedoria) e *teologia*, e as *matemáticas*; as ciências produtivas (ποιητικῶν – *poietikon*) são as que resultam num produto que as transcende, como a medicina, a construção de embarcações, a tecelagem, a carpintaria (e as várias outras formas de artesanato) e as artes em geral (como a poesia, a escultura, a pintura, etc); Aristóteles distingue uma outra modalidade de ciência, a saber, a prática (ou a da *πρᾶξις* – *práxis*), que envolve a ação humana, individual ou coletiva – a este tipo pertencem a *economia*, a *ética* e *política*. Ver os tratados aristotélicos *Economia*, *Ética a Nicômaco* e *Política*.

9. *Metafísica*.

próxima da sabedoria do que aquela que é desejável por seus resultados, e que a ciência superior está mais próxima da sabedoria do que a subsidiária, pois o sábio deve dar ordens e não recebê-las; nem, tampouco, deve ele obedecer a outros, devendo sim o menos sábio obedecê-lo.

20 Tais são em gênero e número as opiniões sustentadas quanto à sabedoria e ao sábio. Das qualidades descritas, o conhecimento de todas as coisas tem, necessariamente, que pertencer àquele que, no mais elevado grau, possui conhecimento do universal, porque ele conhece, num certo sentido, todos os particulares compreendidos no universal. Estas coisas, quais sejam, as mais universais, são talvez as de mais difícil apreensão para o

25 ser humano, porque são as mais distanciadas dos sentidos. Que se acresça que as ciências mais exatas são as que mais concernem aos primeiros princípios, pois as que estão baseadas em poucos princípios são mais exatas do que aquelas que incluem princípios adicionais; por exemplo, a aritmética é mais exata do que a geometria. Além disso, a ciência que investiga causas é mais instrutiva do que a ciência que não o faz, pois são os que nos informam acerca das causas de qualquer coisa particular

30 que nos instruem. Ademais, o entendimento e o conhecimento que são desejáveis por si mesmos são mais atingíveis no conhecimento daquilo que é mais cognoscível, uma vez que aquele que deseja o conhecimento por si mesmo desejará maximamente o mais perfeito conhecimento, e este é o conhecimento

982b1 do mais cognoscível, e as coisas que são as mais cognoscíveis são primeiros princípios e causas, pois é através destes e a partir destes que outras coisas passam a ser conhecidas, e não estes através dos particulares que neles se enquadram. E será a ciência

5 máxima e superior às subordinadas a que detiver o conhecimento da finalidade de cada ação a ser concretizada, isto é, o bem em cada caso particular e, no geral, o bem supremo no conjunto da natureza.

Assim, como resultado de todas as considerações precedentes, o termo que estamos investigando enquadra-se na mesma ciência, a qual deve especular sobre primeiros princípios e causas, uma vez que o bem, ou seja, o *fim*, é uma das causas.

10 Que não se trata de uma ciência produtiva fica claro com base no exame dos primeiros filósofos. É por força de seu maravilhamento que os seres humanos começam agora a filosofar

e, originalmente, começaram a filosofar; maravilhando-se primeiramente ante perplexidades óbvias e, em seguida, por um progresso gradual, levantando questões também acerca das grandes matérias, por exemplo, a respeito das mutações da lua e do sol, a respeito dos astros e a respeito da origem do universo. Ora, aquele que se maravilha e está perplexo sente que é ignorante (de modo que, num certo sentido, o amante dos mitos é um amante da sabedoria,<sup>10</sup> uma vez que os mitos são compostos de maravilhas); portanto, se foi para escapar à ignorância que se estudou filosofia, é evidente que se buscou a ciência por amor ao conhecimento, e não visando qualquer utilidade prática. O curso factual dos acontecimentos testemunha isso, pois a especulação desse tipo principiou visando a recreação e o passatempo numa época na qual praticamente todas as necessidades da vida já eram atendidas. Fica claro, então, que não é por uma vantagem externa que buscamos esse conhecimento; tal como classificamos um indivíduo humano como independente pelo fato de existir por si mesmo e não graças a uma outra pessoa, classificamos essa como a única ciência independente, uma vez que somente ela existe por si mesma.

Por esse motivo poder-se-ia com justiça supor que sua aquisição está além da capacidade humana, visto que, em muitos aspectos, a natureza humana é escrava, caso em que, como diz Simônides, “Somente a Divindade pode ter este privilégio”, devendo o homem<sup>11</sup> apenas buscar o conhecimento que está ao seu alcance. De fato, se os poetas estiverem certos e a Divindade for naturalmente ciumenta, é provável que nesse caso ela seja particularmente ciumenta, e todos os que se destacam no conhecimento, infelizes. Mas é impossível que a Divindade seja ciumenta (na realidade, como diz o provérbio, “os poetas proferem muitas mentiras”), nem tampouco devemos supor que qualquer outra forma de conhecimento seja mais preciosa do que essa, pois o que é o mais divino, é o mais precioso. Ora, só existem duas maneiras nas quais a ciência pode ser divina. Uma ciência é divina se for caracteristicamente posse da Divindade, ou se disser respeito a assuntos divinos. E somente essa

10. Um filósofo.

11. ...άνδρα... (*andra*), ser humano do sexo masculino.

ciência preenche essas duas condições, pois todos crêem que a Divindade seja uma das causas e um tipo de princípio (1) e que a Divindade é quem possui exclusiva ou principalmente esse tipo de conhecimento (2). Conseqüentemente, ainda que todas as demais ciências sejam mais necessárias do que essa ciência, nenhuma é melhor do que ela.

A aquisição desse conhecimento, contudo, tem, num certo sentido, que resultar em alguma coisa que seja o contrário da perspectiva na qual iniciamos esta investigação. Todos começam – como dissemos – maravilhando-se pelas coisas serem como são, por exemplo, relativamente às marionetes, ou aos solstícios, ou à incomensurabilidade da diagonal de um quadrado; por isso parece maravilhoso, a todos que ainda não perceberam, a causa de que uma coisa não poder ser mensurável nem mesmo através da unidade mínima. Mas é preciso que terminemos no contrário e (conforme o provérbio), na melhor posição, como é o caso desses exemplos, quando os homens conhecem a causa, pois não haveria nada que mais maravilhasse um geômetra do que a diagonal se tornar comensurável.

Assim indicamos a natureza da ciência que estamos buscando e o objeto a ser necessariamente atingido por nossa busca e a totalidade de nossa investigação.

**3.** Está claro que precisamos obter conhecimento das causas primeiras porque é quando pensamos compreender sua causa primeira que reivindicamos conhecer cada coisa particular. Ora, há quatro tipos reconhecidos de causa. Destes, afirmamos que um deles é a essência ou natureza essencial da coisa (uma vez que o “porquê” de uma coisa é, em última instância, reduzível à sua fórmula, e o “porquê” em última instância é uma causa e princípio); um outro é a matéria ou substrato; o terceiro [tipo de causa] é o princípio do movimento; e o quarto é a causa que se opõe a isso, nomeadamente a finalidade ou “bem” (visto ser isso o fim de todo processo gerador e motriz). Isto foi por nós investigado suficientemente em nossa obra sobre a natureza;<sup>12</sup> entretanto, recorramos à evidência daqueles que antes de nós empreenderam a investigação da realidade e filosofaram acerca

12. Ou seja, a Física.

da verdade, pois claramente também eles reconhecem certos princípios e causas, de modo que representará alguma ajuda para nossa presente investigação estudarmos seu ensinamento, na medida em que ou descobriremos algum outro tipo de causa, ou ficaremos mais convictos quanto aos que acabamos de descrever.

A maioria dos primeiros filósofos concebeu apenas princípios materiais para todas as coisas. Aquilo de que todas as coisas consistem, de que procedem primordialmente e para o que, por ocasião de sua destruição, são dissolvidas em última instância, permanecendo a essência, ainda que modificada por suas afecções – isso, dizem, é um elemento e princípio das coisas existentes. Daí acreditam que nada é gerado ou destruído, uma vez que essa entidade primária conserva-se sempre. Deste modo, não dizemos que Sócrates é gerado<sup>13</sup> absolutamente ao tornar-se belo ou instruído, nem que é destruído ao perder essas qualidades, porque o substrato, o próprio Sócrates, persiste. Da mesma maneira, nada mais é gerado ou destruído, visto que há alguma entidade (ou mais de uma) que se conserva sempre e da qual todas as demais coisas são geradas.

Nem todos concordam, entretanto, quanto ao número e caráter desses princípios. Tales,<sup>14</sup> fundador dessa escola de filosofia,<sup>15</sup> afirma que esse princípio permanente é a água (razão pela qual ele igualmente propôs que a terra flutua na água). É presumível que tenha chegado a essa hipótese a partir da observação de que o nutriente de tudo é úmido, e que o próprio calor é gerado da umidade, sua existência dependendo dela (e aquilo de que uma coisa é gerada é sempre seu primeiro princípio). Extraña sua hipótese, portanto, disso e também do fato de as sementes de tudo apresentarem uma natureza úmida, e a água é o primeiro princípio da natureza de coisas úmidas.

Alguns pensam que os homens de tempos muito antigos, muito anteriores à presente era, os quais pela primeira vez especularam a respeito dos deuses, também sustentavam essa mesma opinião sobre o princípio primordial, uma vez que re-

presentavam Oceano<sup>16</sup> e Tétis<sup>17</sup> como sendo os pais da criação, e o juramento dos deuses como sendo pela água, ao que eles próprios chamam de Estige. Ora, aquilo que é o mais antigo, é o mais reverenciado, e o que é o mais reverenciado, é aquilo pelo que juramos. É possível que se julgue duvidoso se essa opinião relativa ao princípio primordial é realmente antiga e reverenciada pelo tempo. Entretanto, declara-se que foi essa a opinião de Tales a respeito da causa primeira. Nada digo quanto a Hípon,<sup>18</sup> pois ninguém pensaria em incluí-lo neste grupo, considerando-se a insignificância de sua inteligência.

Anaxímenes<sup>19</sup> e Diógenes<sup>20</sup> sustentaram que o ar é anterior à água, e é, de todos os corpos simples, o mais primordial. Hipaso de Metaponto<sup>21</sup> e Heráclito de Éfeso<sup>22</sup> sustentam isso relativamente ao fogo; e Empédocles<sup>23</sup> – acrescentando a terra como quarto princípio aos já mencionados toma todos os quatro. Estes – diz ele – conservam-se sempre e somente estão submetidos ao devir pela agregação ou desagregação ao se unirem numa unidade ou dela se separarem.

Anaxágoras de Clazômenas,<sup>24</sup> mais velho do que Empédocles, mas posterior em sua atividade [filosófica], sustenta que os primeiros princípios são em número infinito, uma vez que afirma que, como regra geral, todas as coisas que são – como o fogo e a água – homogêneas, são geradas e destruídas somente neste sentido – por agregação e desagregação; caso contrário, não são nem geradas nem destruídas, mas conservam-se eternamente.

Com base nesses dados, poder-se-ia supor que a única causa é a do tipo classificado como “material”; mas à medida que os homens prosseguiram por esse caminho, as próprias circuns-

16. Na mitologia primitiva e pré-olímpica, Oceano (personificação divina da água), filho de Urano (personificação divina do céu) e de Gaia (personificação divina da Terra) é o deus do mar.

17. Esposa de Oceano.

18. Hípon de Samos, filósofo eclético que viveu na última metade do século V a.C.

19. Anaxímenes de Mileto floresceu em torno de 545 a.C.

20. Diógenes de Apolônia, filósofo eclético florescente na segunda metade do século V a.C.

21. Filósofo pitagórico aproximadamente contemporâneo de Heráclito.

22. Floresceu no início do século V a.C.

23. Empédocles de Ácragas floresceu em torno de 450 a.C.

24. Cerca 500-428 a.C.

13. O sentido é mais ontológico do que biológico: *vem a ser, passa a existir*.

14. Tales de Mileto (639-546 a.C.).

15. Conhecida como escola jônica.

tâncias do caso os conduziram adiante e os impeliram de avançar em suas buscas; porque se é realmente verdadeiro que toda  
 20 geração e destruição procede de um elemento, ou mesmo de mais de um, *por que sucede assim e qual é a causa?* Não é, certamente, o próprio substrato que produz sua própria mudança. Quero dizer, por exemplo, que nem a madeira nem o bronze são responsáveis pela transformação de si mesmos: a madei-  
 25 ra não fabrica um leito, nem o bronze uma estátua, mas é alguma coisa mais, que é a causa da transformação. Ora, investigar isso significa investigar o outro tipo de causa: o princípio do movimento, como deveríamos dizer.

Os que foram efetivamente os primeiros a empreender esta investigação, e que sustentaram que o substrato é *uma* coisa, não experimentaram apreensões com seu objeto de estudo. Alguns daqueles, porém, que o consideram como *uma* coisa,  
 30 estando – por assim dizer – frustrados com a investigação, dizem que essa *uma* coisa – e, de fato, o mundo físico inteiro – é imutável no que toca não apenas à geração e a destruição (isso constituía uma crença antiga e era, geralmente, admitido), mas  
 984b1 no que toca à toda outra transformação. Esta crença lhes é peculiar.

Nenhum daqueles que sustentavam que o universo é uma unidade atingiram qualquer conceito desse tipo de causa, talvez com a exceção de Parmênides,<sup>25</sup> e mesmo ele na medida que admite, num certo sentido, não uma causa apenas, mas duas.  
 5 Aqueles, contudo, que reconhecem mais de um princípio, por exemplo, quente e frio, ou fogo e terra, estão mais bem capacitados para apresentar uma explicação sistemática, porque se valem do fogo como tendo uma natureza cinética, e da água, da terra, etc., como sendo os opostos.

Depois desses pensadores e a descoberta dessas causas, posto que eram insuficientes para explicar a geração do mundo real, houve um novo impulso – como dissemos – da própria  
 10 verdade para que se investigasse o próximo primeiro princípio, isso porque presumivelmente carece de naturalidade que o fogo ou a terra, ou qualquer outro desses elementos faça coisas existentes manifestarem excelência e beleza; ou, de fato, que esses

25. Parmênides de Eléia viveu em torno de 475 a.C.

pensadores tenham sustentado tal ponto de vista. Tampouco era satisfatório atribuir uma matéria de tal importância à espontaneidade e à sorte. Assim, quando alguém afirmou que há  
 15 inteligência na natureza, tal como nos animais, e que esta é a causa de toda a ordem e arranjo, pareceu um homem ajuizado em contraste com as afirmações casuais de seus predecessores. Sabemos, decididamente, que Anaxágoras adotou esse parecer,  
 20 mas credita-se a Hermótimo de Clazômenas<sup>26</sup> o mérito de tê-la formulado antes. Esses pensadores, portanto, que sustentavam essa opinião, supuseram um princípio nas coisas que é a causa da beleza e do bem, e o tipo de causa pela qual o movimento é comunicado às coisas.

4. Poder-se-ia concluir que a primeira pessoa que abordou essa questão foi Hesíodo<sup>27</sup> ou, na verdade, qualquer outra pessoa que supôs o *amor ou o desejo*<sup>28</sup> como um primeiro princípio das coisas, como, por exemplo, Parmênides, uma vez que  
 25 ele diz quando descreve a criação do universo:

*Ela*<sup>29</sup> *concebeu o Amor antes de todos os deuses.*<sup>30</sup>

E Hesíodo diz:

*Antes de todas as coisas, foi o Caos criado,  
 e depois a Terra de amplos seios...*

*e o Amor, o mais notável entre todos os imortais.*<sup>31</sup>

30 ... sugerindo assim que deve haver no mundo alguma causa para mover as coisas e agregá-las.

A questão de dispor esses pensadores numa ordem de prioridade pode ser tratada posteriormente. Agora, uma vez que era aparente que a natureza também contém o oposto daquilo que  
 985a1 é bom, isto é, não apenas ordem e beleza, mas desordem e disformidade; e que há mais coisas más e vulgares do que boas

26. Personagem cuja existência histórica é altamente duvidosa.

27. Hesíodo de Ascra, poeta épico que viveu entre 900 e 800 a.C.

28. ...ερωτα η επιθυμιαν... (*erota e epithūmian*): conceitos pura e francamente sexuais.

29. Presume-se que Parmênides aludia a Afrodite, a deusa do amor sexual, mãe de Eros (Amor), que é a personificação divina masculina do amor sexual.

30. Fragmento 13 de Diels.

31. *Teogonia*, 116-20. A citação de Aristóteles não é rigorosamente exata.